

PODCAST É CULTURA? DA ARTE URBANA À ARTE PÚBLICA, COM JANAÍNA MACRUZ

Roberto Romero:

Qual foi a última vez que você foi para a rua? Eu não estou falando daquela ida apressada, preocupada, que faz da rua um simples lugar de passagem não. Estou falando sobre ficar na rua mesmo, sair sem ter hora para voltar, deixando que o acaso nos guie por aí. Tipo aqueles dias de carnaval, sabe? Em que a gente só junta ali com o mínimo necessário e sai perambulando de um bairro para o outro, seguindo o som das baterias, a presença das pessoas, os banhos de mangueira que dão aquela refrescada no calorão do início do ano. Parece que é nesse tipo de dia que a gente consegue sentir e conhecer, de verdade, a nossa cidade... Se entregando, sem medo, a todos os espaços e encontros pelos quais as ruas podem nos levar. Ai, que saudade!

Gabriela Moulin:

Já faz um bom tempo que a gente não sente essa sensação, não é Robertinho? Às vezes me parece até um pouco surreal imaginar que as mesmas ruas que a gente vê hoje já nos levaram a tantas aventuras. E por mais que ainda não seja o momento da gente se entregar de volta para essas ruas, a gente sabe, ou pelo menos confia, que uma hora ou outra isso vai acontecer. É inevitável que a gente fique se perguntando quando e como vai ser tudo isso. Será que a gente vai se entregar de repente e voltar tudo como era antes? Ou será que a gente vai levar esses hábitos todos que aprendemos nos dois últimos anos para o futuro? O que vai dar para fazer? E o que não vai dar para fazer mais?

Roberto Romero:

É Gabi, realmente as perguntas são muitas e não param por aí. A gente poderia ficar aqui por horas falando sobre todas essas incertezas. Mas como é de praxe aqui no programa, não vamos ficar sozinhos e, nessa temporada, vamos receber três pessoas incríveis que dedicam suas pesquisas e práticas a elas, às ruas. Então vamos lá! Eu sou o Roberto Romero.

Gabriela Moulin:

E eu sou a Gabriela Moulin.

Roberto Romero:

e você está ouvindo o podcast *É cultura?*

Já faz um tempo que a gente teve que abandonar um tanto de atividades que antes eram super presentes em nossas vidas, não é? E não é novidade para ninguém que a cultura foi uma das áreas mais atingidas por tudo isso que a gente está vivendo. Mas apesar do isolamento social ter suspenso quase todas as programações culturais presenciais, teve um festival aqui em Belo Horizonte que conseguiu acontecer, com toda segurança, no meio da pandemia. Eu estou falando do CURA — o Circuito Urbano de Arte — que é o maior festival de arte pública de Minas Gerais, organizado por três mulheres super inspiradoras: a Priscila Amoni, a Juliana Flores e a Janaína Macruz, que conversa hoje aqui com a gente. O Cura convoca artistas das mais diversas origens e linguagens para pintar murais gigantescos em empenas, que são aquelas fachadas sem janelas que formam paredões sem graça na paisagem da cidade. E aqui em BH, para quem não conhece, existe a Rua Sapucaí, de onde é possível ver as obras do festival enquanto elas ainda estão sendo feitas. Dessa mesma rua, a gente consegue ver o mural mais alto pintado por uma artista mulher na América Latina, que tem simplesmente 56 metros de altura e é também resultado de uma das edições do CURA. Então chega mais que hoje a gente vai confabular sobre todas essas transformações que o Cura trouxe para as ruas da cidade.

Oi Jana! Seja bem vinda ao nosso podcast *É Cultura?*, é um prazer te receber aqui, uma alegria enorme conversar com você sobre rua, sobre o CURA, sobre arte. E eu queria começar a nossa conversa pedindo para você se apresentar e contar um pouco sobre o festival, a sua criação, a sua proposta

artística.

Janaína Macruz:

É um prazer estar aqui, Robertinho, muito bom, muito legal esse projeto. Bom, vou falar um pouquinho do CURA. O CURA é um projeto que nasceu em 2015, na verdade, de três amigas que estavam envolvidas com a cena de arte urbana e a gente ficou viajando muito em fazer um festival. Já tinham muitas empenas em São Paulo, mas em Belo Horizonte ainda não tinha, e a gente não tinha nem noção do que era pintar uma empena, que é essa fachada cega dos prédios aonde normalmente se recebe essas pinturas. E a gente escreveu esse festival em 2015, tivemos mil ideias de ocupação da rua. A gente escreveu na Lei Municipal, e demora esse processo de inscrição, aprovação e captação. E quando a gente realmente tinha o recurso na conta para executar o projeto, a gente entendeu o que era a realidade. E era uma coisa completamente diferente do que a gente tinha noção, a gente colocou na verdade um décimo do valor do evento. A gente queria fazer 12 empenas e o dinheiro não dava praticamente para fazer nem uma, direito. Mas mesmo assim, a gente adaptou o projeto, diminuimos o número de empenas, de 12 foram para 4 empenas, e o que a gente estava muito acostumado a fazer, e Belo Horizonte vem há muito tempo fazendo isso, que é essa junção de coletivos para fazer as coisas acontecerem. Então o CURA 1 só foi possível por causa dos amigos mesmo. Nós fizemos parcerias com todo mundo, então tinha Família de Rua, tinha Alcova Libertina, tinha a Benfeitoria, então foi uma junção, a Área de Serviço... e só assim foi possível fazer essa primeira edição. Para vocês terem noção, nossa equipe de produção hoje em dia conta com cerca de 40 pessoas, na época nós fizemos o CURA com 6 pessoas produzindo o festival. Então é um milagre mesmo, aquele famoso milagre de todo início de projeto. Depois a gente falou: “Como que nós conseguimos fazer algo tão grande com pouca estrutura, com pouco recurso?” Mas é isso.

Roberto Romero:

E uma característica muito forte do CURA, desde o princípio, foi essa conexão entre os trabalhos dos artistas convidados e o público. O festival ocupa inicialmente a rua Sapucaí, e transforma a rua em um mirante que lança inclusive esse mirante que hoje é um dos pontos mais frequentados da capital, e nessas primeiras edições é ali que acontecem diariamente diversas atividades culturais além dos próprios trabalhos, enquanto os próprios trabalhos estão sendo feitos. Todo mundo de BH tem essa experiência, a grande maioria, de passar e ver as obras sendo feitas ali, encontrando um amigo no fim da tarde, acompanhando esse processo. E essa interação com o público e a rua é uma característica muito forte para além, claro, de já ser uma ocupação no espaço urbano, nas fachadas dos prédios. E eu queria que você comentasse um pouco dessa ocupação do espaço público e da rua promovida pelo festival, e a importância disso para vocês.

Janaína Macruz:

O festival, para além de pintar as empenas, a gente pensou muito como que o público vai sentir esse festival durante esse tempo todo, esses 13 dias. Então a gente resolveu primeiro escolher um lugar aonde todas as empenas pudessem ser vistas de um único ponto de referência. No caso a Sapucaí. E a gente resolveu trazer uma vivência para esse público mesmo. Então a gente traz oficinas, traz debates, traz música, e ao mesmo tempo o público fica ali acompanhando esse processo de pintura, durante esses 13 dias. Porque é muito diferente a vivência de um show, de um teatro, como você apresenta artes visuais, a pintura de um processo? Então foi muito pensado nisso, e eu acho que BH tem esse lance, dessa década de 10 que a gente está falando, que é esse marco de ocupação do espaço público. A gente vem muito disso. E a ideia era essa mesma, a gente queria inclusive na época fechar a Sapucaí durante 13 dias para o público ter essa vivência, mas é impossível, ali passam muitos ônibus e nós não conseguimos. Mas a gente conseguiu fechar os estacionamentos, então a gente trouxe essa proposta de ser meio Praia da Estação. A gente colocou cadeiras de praia ali, para que as pessoas pudessem ficar ali vivendo aquele espaço público, enxergando ele, sentindo ele de outra forma.

Roberto Romero:

Total, a gente percebe totalmente como que a passagem do CURA transformou a forma de ocupação daquele espaço, que continua até os dias de hoje, se tornou mesmo um ponto de referência na cidade e de encontro. E a gente percebe também que nesse meio tempo houve algumas transformações na própria curadoria do festival, que passou a abrigar também outros trabalhos de artes visuais, inclusive esculturas e instalações, como a obra Serpentes do Jaider Esbell que foi um marco no festival na edição passada. E eu queria ouvir mais sobre essas novidades e o que elas projetam para o futuro do festival, se vocês pensam em expandir essas formas de interação com outras artes urbanas, outras formas de ocupação do espaço para além das empenas que estavam na ideia original.

Janaína Macruz:

Quando a gente começou, começamos bem focados na arte urbana, e depois a gente entendeu que a gente queria trabalhar com arte pública, que expande um pouco. Então é qualquer tipo de obra que está ali na rua, que não tem essa barreira física (ou às vezes nem é física), mas de você estar entrando em um museu, mesmo que ele seja gratuito. E aí está ali a obra na rua para todos verem. Eu acho que transforma muito quem está passando ali. A gente sabe que no centro da cidade passam cerca de 1 milhão de pessoas, então a gente traz algumas coisas para essas pessoas, gatilhos, às vezes acalenta, são vários sentimentos. E a gente resolveu expandir mesmo, entendendo que não são só as empenas, não é só arte urbana e muralismo, e que é arte pública. Então nós resolvemos trazer essas duas instalações, é uma escultura inflável que a gente convidou o Jaider, a gente estava querendo muito ter uma escultura inflável, e aquele viaduto que é icônico para a cidade, e o lance das bandeiras, que teve tudo a ver com a pandemia. Era onde a população mundial estava conseguindo falar com o mundo, era através das janelas, e foi muito legal para a gente essa experiência, e agora é expandir mesmo. Transformar esses espaços que a população transita de um lugar para o outro.

Roberto Romero:

E assim Jana, eu te conheço de outros carnavais, não é? E é óbvio que eu vejo uma conexão muito forte entre a proposta do CURA, e você mesma já falou disso aqui, e tudo aquilo que a gente vivenciou na cidade nesses anos 10, como você lembrou, a Praia da Estação, o carnaval de rua, o Movimento Luiz Estrela, entre tantos outros. E queria que você falasse um pouco dessa relação desses movimentos, da importância e influência deles para a criação do CURA.

Janaína Macruz:

Então, na verdade a gente é tudo filho dessa Praia da Estação. Lógico que tinha o antes da Praia da Estação, a gente já estava de certa forma ocupando a cidade, mas eu acho que a gente estava ocupando de forma segmentada. Então tinha o pessoal do teatro, o pessoal do cinema, etc. E aí, a partir de 2010, veio o carnaval e eu acho que foi isso que a Praia trouxe, ela juntou todo mundo, todos os segmentos da cultura com o movimento social. Então virou uma bomba, uma explosão de purpurina. E aí eu acho que vieram muitas, acho que a cidade virou uma pulsação de criatividade mesmo. Gaymada, Escorrega, Mundialito de Rolimã, coisas muito legais e muito loucas acontecendo, e o CURA é disso, é filho dessa geração, é filho da Praia da Estação, é mais um coletivo, um grupo propondo um projeto na cidade igual tantas outras pessoas, igual tantos outros grupos. E é isso, eu acho que a cidade, eu sinto muito isso, da autoestima de Belo Horizonte. Eu lembro quando eu era jovem, na universidade, a gente achava Belo Horizonte chata, a gente queria sair daqui. E hoje em dia você vê muita gente falando “eu amo BH”, eu falo eu amo BH. O CURA ama BH, entendeu? Então eu acho que é isso, a gente transformou a autoestima da cidade mesmo.

Roberto Romero:

Também amo BH, gente! E Jana, ocupar o espaço público com arte é um ato político. E nos últimos anos, conforme o festival coloria algumas fachadas do centro, a gente viu também surgir uma reação contra alguns trabalhos artísticos realizados no contexto do festival. Alguns casos emblemáticos, por

exemplo, o mural do artista Robinho Santana, na Av. Afonso Pena, acusado de apologia ao crime, porque convidou artistas pixadores para a composição da empena. Outro caso envolveu a artista Criola, que foi alvo de uma queixa de um único morador do prédio onde foi feita a empena, e que acusou a obra, que estampa o corpo de uma mulher negra, de “gosto duvidoso”. E a gente tem visto avançar na Câmara Municipal projetos de criminalização de artistas urbanos, recorrendo àquela dicotomia entre pixo e arte/graffiti. E não por acaso, os dois artistas, o Robinho Santana e a Criola, são negros. Então eu queria que você nos contasse como andam esses processos, como foi esse processo também de enfrentar essa reação, em que pé que estão estas investigações e o que tudo isso nos diz sobre essa relação da arte com a política.

Janaína Macruz:

Então, primeiro é interessante falar que quando você trabalha com arte pública, tudo vira maior, porque você está contando com a opinião pública mesmo, é diferente de uma obra estar em um museu. Então realmente, eu acho que as coisas que acontecem no CURA têm muita visibilidade. Essa história toda dos pichadores, inclusive a gente está acompanhando, tem 3 artistas que estão presos, que participaram do CURA, que a gente acabou de fazer uma ação em São Paulo a convite da Secretaria de Cultura de lá, e eles estão presos, nós estamos aí tentando ver se a gente consegue tirar eles da cadeia. Porque é isso, são jovens, são pais, são da periferia e em plena pandemia foram levados por causa de pichação. Mas essa história do pixo é complexa mesmo, porque se discute há um tempo se é arte ou não é arte, a gente defende muito isso, que pixo é arte sim. Mas o pixo é uma contravenção, ele realmente, segundo a legislação, ele é passível de pena. Só que é uma pena leve, e eu acho que rola uma confusão muito grande da sociedade, e eu acho que isso que traz essa nova lei que você está citando da Câmara Municipal, que é legislar em cima da estética. Eles estão legislando se é arte ou se não é arte, da estética da caligrafia urbana que o pixo traz, sabe? E essa não é a questão, a questão é se é autorizado ou não é. E a partir do momento que não é autorizado, qual a pena que esse Estado vai colocar para essa pessoa que fez isso? É isso mesmo, então uma pessoa que “sujar” (porque é isso que se ouve por aí) o muro ela tem que ser presa? Ela tem que ficar três anos presa? E dividindo bastante o que a imprensa coloca isso já faz uns 20 anos ou mais, que está aí a imprensa jogando isso: graffiti é uma coisa, pixo é outra. E na verdade nem a própria cena faz essa diferença, porque a Bolinho, é graffiti? 90% dos bolinhos da cidade, que Belo Horizonte ama, que a polícia ama, é tudo vandal, entendeu? E muitos grafiteiros também picharam, entendeu? A estética, a arte, ela não é legislável, então é meio que isso, eles têm que se ater a esse lance do autorizado x não autorizado, e isso não tem a ver se é pichação, se é chaffiti, se é muralismo e tal. Isso foi uma das questões que a gente já vem enfrentando, e a gente teve isso forte agora esse ano, porque colocaram o CURA no processo, a gente foi acusado de apologia ao crime, por chamar esses meninos para participar. E aí também é outra história, porque a partir do momento que um festival de arte convida uma pessoa para estar dentro do festival enquanto artista, paga um cachê para ele, a PM que vai dizer que ele não é artista que ele é um pichador? Não, dentro do festival, ele é um artista. E ele está sendo pago, ele foi convidado enquanto artista. A estética é outra história, mas ele é um artista. Mas assim, o pixo já foi para a Bienal de Veneza, o Crupta que é o grande ícone da pichação nacional, os quadros dele valem muitos reais. Então não é por aí. O da Criola ainda segue tramitando, a gente conseguiu ganhar a imprensa e a mídia com aquele lance do abaixo assinado que a Criola lançou, e com isso a juíza está sentada em cima do processo. Porque no limite, agora a gente jogou para ela o seguinte com o lance da imprensa: independente das regras, da legislação que o morador está defendendo ou não, se essa juíza der o processo favorável para esse morador, ela vai estar falando que é para ser apagada uma obra de uma artista negra. Então isso sim, agora vem um peso para a juíza, que é um lance de uma decisão dela, se ela vai apagar ou não uma obra pública, de uma artista negra. E todas essas ligações, você vê, não é coincidência. A gente teve problema com a Luna no Lagoinha também, que a gente teve que mudar de empena de última hora, porque o pessoal do prédio achou que o turbante da cabeça da personagem dela era uma coisa religiosa, veio com uma argumentação super difícil, e a gente falou que isso era racismo, que nós não vamos aceitar mudar esse turbante. Nós

tivemos que mudar a empena, a Luna é negra, a Criola é negra, o Robinho Santana negro. A Milu Correch, que foi a primeira empena do CURA se eu não me engano, que teve uma textura gigante de pichação, muito maior do que a do Robinho Santana ou qualquer outra que a gente fez em BH, não foi falado um A. Uma artista branca, argentina, não se falou sobre a textura da obra que está escancarada, aquela obra virou ícone de Belo Horizonte, por causa daquela moldura que o Sulacap junto com o viaduto fazem. Então é isso, não se falou um A. E aí são 3 artistas negros, e não é coincidência, a gente sabe que não é.

Roberto Romero:

É, não é nenhuma coincidência, e isso inclusive super se conecta com algo que a gente tem falado muito aqui nessa temporada, nas outras conversas também, sobre a história dessa perseguição a artistas negros, no movimento musical a mesma coisa, o samba, o funk, o rap, então não há nenhuma coincidência. E que pelo menos num espaço como o CURA, que tem essa visibilidade e que tem essa abertura para a cidade e para o público, que pelo menos essas coisas possam ser debatidas abertamente com a sociedade. E Jana, para concluir, eu queria te perguntar sobre a próxima edição. Esse ano tem CURA? E que você contasse alguma coisa para nós, alguma novidade da edição desse ano, o que vocês estão preparando?

Janaína Macruz:

Então, o que eu posso falar agora é que vai ter CURA, vai acontecer no final de outubro, e é isso, estamos em processo de expansão mesmo, expandindo territorialmente. E essas novas linguagens também, trazendo novas perspectivas mesmo, e bem antenado com o que a gente... acho que o CURA é isso, cada edição a gente está bem antenado. Você falou agora o lance do debate, a gente gosta muito do CURA de trazer todo o debate que está rolando na cidade para o festival, para ser debatido, para o público entender, escutar, debater também todas as questões e ele é bem situacional e momentâneo com o que está sendo vivido naquele ano. Então acho que a gente vai trazer bastante coisa do que a gente está vivendo nesse ano 2021, segundo ano pandêmico.

Roberto Romero:

E teve uma coisa super legal da última edição também, que foi essa proposta de artistas que não são artistas que tinham feito, muitos deles fizeram a primeira empena. Eu lembro da Daiara Tukano, aquela empena maravilhosa, então tem algo de formação de artistas para esse formato que eu acho super incrível também.

Janaína Macruz:

É então, isso foi um processo, porque a gente já queria trazer artistas indígenas, mas é um processo de amadurecimento nosso enquanto festival para a gente dar condição de um artista que nunca pintou um mural daquele tamanho, conseguir realizar a obra. Então a gente ficou muito feliz que a gente conseguiu e é isso. É todo um olhar diferente, diferente de você trazer um artista que já fez 10 empenas, você larga ele ali e está ótimo. Aí não, a gente tem toda uma estrutura por trás, para esse artista conseguir executar a obra, e é isso, nós vamos desafiar mais artistas esse ano. E vamos ver o que a gente consegue entregar. E falar que esse ano a gente vai ter o lançamento do catálogo do CURA, que a gente conseguiu, a gente queria desde o CURA 1 fazer um catálogo. E esse ano, com a Aldir Blanc nós conseguimos, então vai ter um lançamento, e são textos muito interessantes, tem textos trazendo essa temática da pichação, textos trazendo esses anos 10 de BH, então acho que vai ser um livro bem legal, um registro histórico para BH bem massa.

Roberto Romero:

Maravilha, Jana, saber dessas novidades. Todo mundo ansioso para ver esse catálogo, tenho certeza que vai estar maravilhoso, e queria te agradecer pela conversa, foi ótimo te receber aqui, conversar com você sobre o CURA, sobre esses processos na cidade, acionou vários gatilhos, não vemos a hora

de todo mundo poder voltar a transitar, circular, e acompanhar esses movimentos todos que a gente conversou sobre eles aqui hoje na cidade, nas ruas. E é isso, muito obrigado!

Janaína Macruz:

Obrigada demais pelo convite, e o CURA está aí também!

Roberto Romero:

E por falar nesses movimentos todos que dão vida às ruas e que fazem a gente morrer de saudades, eu já vou deixando aqui uma prévia do que vem por aí. No nosso próximo episódio, a gente conversa com o historiador e escritor Luiz Antônio Simas. Nós vamos falar sobre carnaval, terreiro, ancestralidade e, claro, sobre o encanto das ruas. Eu sou Roberto Romero, e este foi o podcast *É Cultura?*, um podcast do BDMG Cultural em parceria com o Micrópolis.